Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099
v 1, n. 1 (2011)

O individualismo como estratégia de cuidado de si na sociedade de consumo

The indvidualism as a care of self strategy inside consuming society

Rafael Bianchi Silva

Doutorando em Educação (UNESP/Marília)
Professor da Faculdade Norte Paranaense e da Faculdade Pitágoras

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre a construção de uma postura individualista como estratégia de cuidado de si dentro do contexto atual em que vivemos. Para tanto é realizado uma reflexão a partir da idéia de "sociedade de consumidores" trazida por Zygmunt Bauman, buscando construir uma relação desta com diferentes campos de atuação do sujeito humano. O que encontramos é uma postura que busca defender o indivíduo de possíveis riscos, sendo o outro, seu principal alvo de controle. Dessa forma, constrói-se um individualismo que não pode ser confundido com a postura ascética do cuidado de si grego que possuía em seu conceito a dimensão trágica como suporte a política da existência. Ao final, concebe-se a resistência às políticas de controle de desejos como saída aos dispositivos presentes na sociedade de consumo.

Palavras-Chave: Sociedade de Consumo; Cuidado de Si; Individualismo

Abstract: This article aims to discuss the relationship between the construction of an individualistic approach as a care of self strategy inside the current context the we live. For such we presents a discussion about the idea of "consuming society" brought by Zygmunt Bauman, seeking to build a relationship of this concept with different fields of the human subject. We found an attitude that seeks to protect the individual from possible discomfort and the point of view that the other is his main target for control. Thus, we build an individualism that cannot be confused with the ascetic attitude of care of self in Greece who had the tragic dimension inside the concept that support the politics of existence. In the end, we proposal the resistance as political atitude against the control desires presents in the consuming society.

Keywords: Consuming Society; Care of the Self; Individualism.

Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099
v 1, n. 1 (2011)

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir a relação entre a idéia de cuidado de si e os dispositivos relacionados ao imperativo de saúde e segurança presentes na sociedade atual. Consideramos que essa questão é de suma importância ao contexto em que vivemos, caracterizado pela dificuldade dos sujeitos construírem laços tanto com outros sujeitos quanto com os objetos a sua volta, fenômeno esse que possui íntima relação com a idéia de consumo.

Para discorrer sobre esse pano de fundo do debate em torno do cuidado de si, recorremos a duas obras que tratam diferentemente da mesma questão: **Vida para consumo**, de Zygmunt Bauman e **Sorria, você está sendo controlado**, de Sonia Regina Vargas Mansano. Nosso objetivo é buscar os atravessamentos pelos quais passam o sujeito no final da primeira década do século XXI formando uma noção de sujeito que cada vez mais é introvertido e direcionado em si mesmo.

A hipótese que aqui levantamos é que existe uma diferença entre a política do cuidado de si e as técnicas de valorização do individualismo: de um lado, vemos a presença de um valor de si em prol de uma melhor relação com o mundo; de outro, a formação de uma idéia na qual o indivíduo é consumido pela lógica de mercado, transformando-se em produto a ser consumido ao longo de sua existência.

Iniciemos, então, com a idéia de consumo.

1. Vida e Consumo

Bauman, em **Vida para consumo**, inicia a discussão sobre a relação vida e consumo com a seguinte idéia: somos, ao mesmo tempo, promotores das mercadorias que consumimos e a própria mercadoria a ser promovida. Isso se deve a partir da própria lógica de mercado que para manter-se em funcionamento necessita de um duplo dispositivo. Primeiro, é necessário que existam pessoas que comprem os produtos que são ofertados e, mais do que isso, o divulguem enquanto bem a ser alcançado. Segundo, para que tais produtos sejam concebidos, fabricados e distribuídos, é fundamental a existência de uma quantidade de pessoas que

> [...] em busca de trabalho precisam ser adequadamente nutridas e saudáveis, acostumadas a um comportamento disciplinado e possuidoras das habilidades exigidas pelas rotinas de trabalho dos empregos que procuram (BAUMAN. **Vida para Consumo**, p.15).

Para tanto, constrói-se uma idéia de como deve ser o indivíduo ideal para entrar na empresa e fazer a sua vida um desdobramento da própria instituição. Pergunta-se: quais são as características centrais desse sujeito? São nestas características que se fundam o principal traço do novo espírito do capitalismo:

> [...] A preferência, entre os empregadores por empregados "flutuantes", descomprometidos, flexíveis, "generalistas e, em última instância, descartáveis (do tipo "pau-pra-toda-obra, em vez de especialistas e submetidos a um treinamento estritamente focalizado) foi o mais seminal de seus achados.[...] Os empregadores desejam que seus futuros empregados nadem em vez de caminhar e pratiquem surf em vez de nadar. O empregado ideal seria uma pessoa sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais anteriores e que evite estabelecê-los agora [...] (BAUMAN, **Vida para consumo**, p.17).

Torna-se, portanto, necessário construir espaços de formação no qual esse indivíduo possa torna-se aquilo que ainda não é. Ou seja, cada um terá que construir estratégias – ou técnicas – de personificação desse modelo de homem, que não será adotado por uma esfera de ordem, mas sim de desejo por parte do vivente.

O que isso significa? Temos aqui alguns pontos que merecem ser desdobrados. Começamos pela questão da construção do sujeito. Ao longo da vida, encontramos formas diferenciadas de tutela do sujeito. Esses espaços servem de suporte para a entrada do indivíduo a uma lógica que ultrapassa a sua existência – que hoje, hegemonicamente é entendida como sendo a lógica de mercado – na qual construirá uma visão do que é ser sujeito.

> Nos dias de hoje, é possível observar que uma resposta recorrente para essa questão pode ser encontrada no crescente pelo apelo ao consumo. É como se a posse de bens e mercadorias ajudasse a dizer algo sobre o sujeito, ligando-o a uma referência identitária circunscrevendo os espaços que ele pode ou não frequentar, bem como definindo seu status perante os outros. A busca de uma verdade sobre si mesmo, que seria supostamente alcançada pela aquisição das

> mercadorias ou pelo acesso aos serviços, envolve uma tarefa exaustiva e infinita, visto que as ofertas são frequentemente renovadas em um mercado dinâmico que, a cada momento, promete algo novo [...] (MANSANO, **Sorria, Você Está Sendo Controlado**, p.73).

A família e a escola são a porta de entrada para esse modelo de formação e, para tanto, passam, em um primeiro momento, para discipliná-lo a tal modo de vida. Assim, mais do que um controle exterior, a construção do que se é, passa a ficar sob controle do próprio sujeito que modula a proximidade ou não dos traços esperados. Esse processo, de certa maneira, formata um estilo de vida que precisa – quase imperativamente – ser próximo dos traços esperados pela sociedade em que este ser encontra-se inserido.Por essa razão, ser feliz passa estar intimamente vinculado com a obtenção de objetos de consumo rápido, sendo estes tanto materiais quanto imateriais. Nesse sentido, os vínculos passam a estar também pautados pela mesma fluidez encontrada no mercado, sendo que a liquidez o maior de seus traços.

Vemos aqui um caráter dúbio. As relações se tornam líquidas porque são rápidas; mas esse mesmo processo, liquida com aquilo que há de mais próprio em uma verdadeira relação que é sua capacidade de ser durável, potencializando a geração de experiências verdadeiramente significativas para o sujeito. E a que isso se deve? Bauman explica que a sociedade de consumo é movida pela busca constante de garantias:

> Garanta suas apostas – essa é a regra de ouro da racionalidade do consumidor. Nessas equações de vida há muitas variáveis e poucas constantes, e as primeiras mudam de valor com muita freqüência e rapidez para que se possa acompanhar suas mudanças e muito menos prever suas voltas e reviravoltas futuras (BAUMAN, **Vida para consumo**, p. 113).

Nesse sentido, quanto maior o investimento em elementos que não tragam consigo essa garantia, maior o mal-estar dos indivíduos. Dentro da lógica de custo-benefício presente em nosso contexto atual, afastar-se do sentido comunitário passa a ser quase uma regra que perverte o sentido da convivência. Ampliam-se as estratégias de vigilância e suspeita em relação ao outro que passa a ser investigado, categorizado e, em última instância, forjado. É construído um conceito de humano que deve ser seguido por todos e aqueles que não aderem a tais formas de condutas, devem ser deixados de

lado e segregados. Esse processo atua retroalimentando o sistema: se vigio, sou vigiado e, portanto, preciso me policiar o tempo todo para ser aquilo que se exige que eu seja. Afirma Mansano

> Assim, vemos alastrar-se um grau de persecutoriedade tal que faz que, na sociedade de controle, em diversas ocasiões, o cidadão tenha dificuldade de reconhecer e elaborar fatos que simplesmente acontecem ao acaso [...]. O retraimento em relação ao desconhecido (avaliado como perigoso) toma dimensões tais que, para evitá-lo, são construídos pequenos mundos isolados ou pequenas fortalezas cercadas de muralhas protegidas por agentes especializados e tecnologias avançadas [...].(MANSANO, **Sorria, Você Está Sendo Controlado,** p.69).

Forma-se uma cultura do medo no qual o idéia de profilaxia passa a ser o foco vigente. O sujeito passa a evitar qualquer tipo de evento que possa causar sofrimento e o fechamento ao outro próprio desse tempo nebuloso que caracteriza nossa época gera um contínuo investimento em si mesmo como forma de manutenção de uma pretendida saúde mental.

Este espaço é ocupado por diferentes campos que atuam de forma a oferecer ao indivíduo a idéia de bem-estar, saúde e entretenimento. As clínicas de estética, os *spas*, os agentes de turismo e os mais diferentes tipos de gerenciamento da saúde, movida pela ação de especialistas (nutricionistas, psicólogos, fisioterapeutas, etc) estão a disposição do indivíduo para que ele cuide de si mesmo e, a partir disso, siga atuando nas diversas formas de consumo disponível.

> [...] De qualquer maneira, todo esse trabalho encontra repercussão na esfera social à medida que é difundido como um mundo que pode ser conquistado de acordo com a disponibilidade financeira e o segmento de mercado que está em jogo. Mas, independentemente disso, o que fortalece essa adesão é a incitação de um desejo específico: o que de ver realizadas as promessas de felicidade, de inclusão e de aumento da autoestima (MANSANO, **Sorria, Você Está Sendo Controlado**, p.84).

O que se configura ao final desse processo são sujeitos atravessados por uma estimulação que o coloca a olhar para si, de forma, que avalie a própria condição. Porém, não se trata de um investimento que deve retornar em longo prazo já que a lógica do consumo necessita de retornos imediatos. Essa razão somada a fuga do mal-

estar, configura um tipo diferencial de relação com os objetos do mundo, no qual se inclui o próprio homem:

> O consumismo dirigido para o mercado tem uma receita para enfrentar esse tipo de inconveniência: a troca de uma mercadoria defeituosa, ou apenas imperfeita e não plenamente satisfatória, por outra nova e aperfeiçoada [...]. A curta expectativa de vida de vida de um produto na prática e na utilidade proclamada está incluída na estratégia de marketing e no cálculo de lucros: tende a ser preconcebida, prescrita e instilada nas práticas dos consumidores mediante a apoteose das novas ofertas (de hoje) e a difamação das antigas (de ontem) (BAUMAN, **Vida para consumo**, p.31).

Para sanar o empobrecimento das relações, o mesmo autor indica a utilização do que ele chama de "tirania do momento", ou seja, pela necessidade de consumir imediatamente, em estado de emergência. Nesse sentido, existira uma relação inversamente proporcional entre o que chamamos de "relações humanas" com a idéia de consumo: quanto menor a proximidade e o nível de trocas entre os indivíduos, maior a necessidade de consumir novos e diferentes objetos.

> [...] estamos diante de um sujeito que não é mais necessariamente marcado pela disciplina, mas pelos signos, imagens e imperativos publicitários, por meio dos quais ele se inscreve no universo das mercadorias, acreditando ser possível "comprar" afeto, bem-estar, autoestima, respeitabilidade, enfim, atributos que em outros tempos históricos eram acessíveis por meios distintos, como os laços sociais, por exemplo (MANSANO, **Sorria, Você Está Sendo Controlado**, p.76).

Por essa razão, a velocidade do consumo dita a própria velocidade da vida e a idéia de formação própria ao trabalho e à vida social ao mesmo tempo em que avança com a presença de um turbilhão de elementos, também, ao mesmo tempo, é a cultura do esquecimento no qual as informações não são transformadas verdadeiramente em conduta por parte do sujeito. É dentro desse sistema que avança as propostas em torno do que chamamos de "competências". Elas seriam o encontro entre o conhecimento formal e a atuação do indivíduo em contextos diferenciados. Como discuti em artigo recente, esta concepção de formação humana defende que

> [...] diferentemente de transformar o homem em valor de capital troca, o que temos observado é uma constante preocupação com a humanização do capital, ou seja, inserir no mundo do trabalho elementos que não eram levados em conta, como por exemplo, as características subjetivas do trabalhador (SILVA, "Formação Humana e/ou Formação Profissional: Uma Contribuição da Psicologia do Trabalho" In: **Administração em Diálogo**, p.110).

O problema é que a subjetividade também é capturada e passa a desejar esse modelo formativo que é consumido na mesma velocidade que os demais objetos disponíveis. Mansano faz a crítica a tal modelo ao discutir o papel da educação – em especial, o ensino superior – nesse processo, que vende a idéia de que através da obtenção de diplomas dos mais variados tipos, isso garantirá de alguma maneira, a entrada no mercado de trabalho, que é entendido, em última instância como a "senha" ou "permissão" para a entrada no mundo do consumo das mercadorias. O grande problema que aqui se coloca é que tal promessa é frágil já que o modelo de competências não está vinculado a atuação formal, colocando o caráter formativo em um patamar que indica para o impossível:

> [....] A formação profissional hoje é algo que acompanha à risca essa dinâmica caracterizada pelo interminável. Com isso, a empresa tornou-se um prolongamento da escola e eferece – ou, em alguns casos, chega a exigir de seus funcionários – a continuidade dos estudos em nome da melhoria na qualidade do serviço, tornando a formação profissional algo permanente. [...] As incertezas sobre a conquista e a manutenção da colocação profissional estimulam o sujeito a seguir em sua formação, ainda que uma análise mais cuidadosa mostre quanto pode ser ela inútil para a atividade que está sendo realizada naquele momento. Entretanto, o raciocínio dominante salienta que não se pode "ficar parado" ou "andar para trás", pois sempre haverá alguém mais qualificado "para tomar seu lugar" [...] (MANSANO, **Sorria, Você Está Sendo Controlado**, p.85-86).

O panorama aqui descrito nos coloca a refletir acerca de qual o sentido das estratégias utilizadas pelos diferentes agentes sociais para cuidar de si mesmos, focalizando principalmente a que elas servem.

2. Individualismo na Sociedade de Consumo

Vimos até o presente momento que o contexto em que vivemos coloca determinados tipos de discursos para os sujeitos que deve fazem parte. Tal processo não é passivo, mas sim, intensamente dinâmico. O que deve ficar claro, porém, é que a articulação ambos fazem surgir elementos que colocam em foco novas perspectivas que impelem a reflexão. Um deles é a relação entre os cuidados que os indivíduos têm consigo mesmos e o desenvolvimento de uma posição individualista. Discutimos que o consumo acelerado constrói um paradigma relacional e que os efeitos desse processo fazem com que cada vez mais o olhar esteja voltado a si mesmo, o que aparece como desdobramento de olhar o outro. Segundo Mansano,

> Assim, seja na condição de usuário de serviços, seja na de consumidor de produtos, novas atividades passaram a fazer parte do cotidiano da população: as de observador, avaliador, julgador e delator. O uso das palavras de ordem permite dimensionar quanto vivemos em um amplo circuito que incita a vigilância mútua [...] (MANSANO, **Sorria, Você Está Sendo Controlado**, p. 56).

Viver em comunidade, portanto, é vigiar. Se antes o controle era central e demarcado, hoje é difuso e anônimo. Por essa razão, o estranhamento do outro justifica o olhar atento e torna-se quase que imperativo a busca de lugares seguros com pessoas confiáveis com quem se deve estar. Espera-se que assim sejamos mais felizes, inclusive porque em tais espaços artificiais, os defeitos e qualidade são identificadas entre os demais como marca diferencial do grupo. Como indica Bauman, as evidências mostram o contrário,

> [...] provando, ou pelo menos indicando fortemente, que, em oposição às alegações do queixoso, uma economia voltada para o consumo promove ativamente a deslealdade, solapa a confiança e aprofunda o sentimento de insegurança, tornando-a ela própria uma fonte de medo que promete curar ou dispersar [...]. (BAUMAN, **Vida para consumo**, p. 62-63)

É dentro desse contexto que se forja um ideário de comunidade que não remete a idéia de ação comum. Por essa razão, quanto mais o indivíduo está inserido nesse tipo de agrupamento mais ele se sente sozinho; e por mais se sentir sozinho, menos vale a pena investir nos frágeis laços sozinhos por ele vivenciados. Se a lógica de afastar-se do mal-estar é verdadeira nesse caso, então, estabelece-se o que chamamos de "controle de risco": do afastamento do outro, conserva-se a si mesmo e a própria integridade. A existência de dispositivos e programas de prevenção dos mais diversos tipos apenas demonstra a preocupação com aquilo que não é visivelmente claro, mas se mostra como perigo eminente.

Voltemos a questão do trabalho novamente. O fantasma que ronda o sujeito é a questão do desemprego e com ela, a suspeita de que o outro é um adversário a ser combatido. Por essa razão, encontramos como discurso social uma intensa preocupação com a cooperação, solidariedade e trabalho em grupo dentro das empresas, consideradas características fundamentais para o trabalhador do século XXI.

Ainda dentro dessa mesma esfera, há uma relação entre a perda de saúde e incompetência em relação ao trabalho. Tal sentimento é expresso por Dejours:

> [...] bastou uma doença ser evocada para que, em seguida, venham numerosas justificativas, como se fosse preciso se desculpar. Não se trata da culpa no sentido próprio que refletiria uma vivência individual, e sim um sentimento coletivo de vergonha: "Não é de propósito que a gente está doente". Maciçamente, com efeito, emerge uma verdadeira concepção da doença [...]. Toda doença seria de alguma forma voluntária: "Se a gente está doente é porque é preguiçoso". "Quando a gente está doente, se sente julgado pelos outros". A acusação cuja origem não se conhece claramente, acusação pelo grupo social no seu conjunto. Essa atitude em relação a doença pode ir muito mais longe: "Quando um cara está doente, acusam esse cara de passividade" [...]. (DEJOURS, **A Loucura do Trabalho**, p. 28)

Constrói-se a idéia de que existe uma modificação na concepção ética relacionada à responsabilidade. Ela passa a ser uma questão individual, própria de cada um, na qual os gestos do indivíduo devem atender a interesses e satisfações próprias ao eu. Segundo Bauman, "os conceitos de responsabilidade e escolha profissional, que antes residiam no campo semântico do dever ético e da preocupação moral pelo Outro,

transferiram-se ou foram levados para o reino da auto-realização e do cálculo de riscos [...]".[1]

O risco à saúde é um risco a própria integridade moral do sujeito e por isso, a adesão a programas preventivos inscritos nas mais diferentes redes de controle se torna tão atraente ao indivíduo. Um exemplo é dado por Mansano (2009, p.103) ao descer situações em que o indivíduo se mantem

> [...] em uma espécie de tratamento permanente, realizado por meio de dietas, cuidados alimentares, exercício físicos ou uso de medicamentos. É como se a lógica médica que circula no interior dos hospitais atingisse também seu exterior e atravessasse a vida por inteiro. Nesse movimento, o indivíduo acredita ser portador de um saber médico, difundindo novos imperativos como "Mantenha a saúde" e "Vida mais e melhor" (MANSANO, **Sorria, Você Está Sendo Controlado**, p.103).

Dessa maneira, se espera que os possíveis imprevistos da vida possam ser deixados de lado. O indivíduo centrado em si mesmo que planeja, calcula riscos e se mostra dono da própria existência precisa de certa autonomia para seguir seus planos sem que nada fuga de seu controle. Assim, a busca pelo controle das imprevisibilidades futuras demonstra, na verdade, um projeto de onipotência que não cessa em fracassar.

Vejamos mais de perto esse ponto. O outro demarca a dificuldade de determinação dos eventos e por essa razão conviver com o diferente aponta para a existência de um mal-estar. Nesse sentindo, evitar o outro é uma forma radical de proteção contra os percalços da vida. Justifica-se, portanto, o tipo de relação eminentemente contratual, pautada pela defesa do interesse exclusivo e único das partes envolvidas. Eliminam-se os riscos que a relação eu-tu traz consigo, ao mesmo tempo em que também afasta a possibilidade do verdadeiro convívio humano. Observa-se, entretanto um perigo dentro dessa lógica:

> [...] Mas a questão torna-se ainda mais difícil quando é a própria vida que fica reduzida a um mínimo de experimentação com o objetivo de ser conversada por mais tempo. Aqui, corre-se outro tipo de risco: o de que a vida, como variação, intensificação e devir, seja impossibilitada em nome da conservação. A gestão de riscos ganha importância tal que, diante da proximidade com os limites e com a morte, estes são tidos como inaceitáveis

[1] BAUMAN, **Vida para consumo**, p. 119.

> e precisam ser amplamente combatidos (MANSANO, **Sorria, Você Está Sendo Controlado**, p.109).

3. O Individualismo como Estratégia de Cuidado de Si

Como fechamento desse mosaico, vemos, de um lado, a tentativa de controle dos fenômenos justificando estratégias de vigilância; e, tomando o outro como elemento que aparece como inesperado, não-controlável, o afastamento surge como opção possível e necessária. Ambos os processos levam a valorização do eu como elemento a ser observado e protegido, de forma a tornar-se o centro das experiências, decisões e políticas presentes na lógica do consumo. Forma-se uma espécie de desencantamento em relação aos objetos do mundo, justificando, portanto, a necessidade de consumir novas promessas de felicidade. O coletivismo é deixado de lado e a esperança de dias melhores passa a estar do lado das estratégias de mercado. Por todas essas razões, o individualismo surge como estratégia fundamental para sobreviver no contexto social em que nos encontramos.

Poderíamos estar propensos a acreditar que existe uma proximidade de tal estratégia daquela tomada pelos gregos, em especial, por Epicuro, a partir da análise das vivências do chamado "jardim das delícias". Segundo tal enfoque,

> Se as condições históricas, objetivas, impossibilitam que a liberdade seja conquistada no plano social e político, resta, todavia, todo o mundo interior, subjetivo, a ser libertado das ilusções e crendices que atormentam e escravizam a alma. E, se a felicidade não pode mais advir da participação num projeto coletivo de procura do bem e da justiça, isso não impede que se busque a felicidade pessoal, íntima [...]: a salvação é pessoal e interior, exigindo, como condição primeira, afastar-se das turbulências da Cidade [...] (PESSANHA, "As delícias do Jardim" In: **Ética**, p.67)

Mas ela, diferentemente de uma retomada do eu como forma de atuação político-social na busca da felicidade interior que é posta em primeiro lugar em relação a ação efetiva na polis, no contexto da sociedade de consumo, o que observamos é uma espécie de perversão de tal processo. Vejamos mais de perto esse ponto. Como aponta Vivar y Soler

> Escolas filosóficas como o estoicismo, ou o epicurismo, por exemplo, pregavam a afirmação de si o domínio do próprio destino, ao passo que a compreensão moderna sobre subjetividade produz um sujeito preso a valores de cunho científico, político e ideológico que se impõem como valores a-históricos [...]. (VIVAR Y SOLER, "O Cuidado de Si em Michel Foucault". In: **Percursos – UDESC**, p. 8).

Nesse sentido, a formulação de preceitos voltados ao bem-estar, reificados a partir de uma política não mais formulada dentro de parâmetros comuns, mas sim, de formulação de estratégias de controle dos desejos que tomam a constituição do sujeito como foco central. Em outras palavras, o que encontramos é uma existência modulada pela eliminação de controles externos e com eles, técnicas formuladas a partir do coletivo, para outra postura, que tem no prazer seu fundamento.

A diferença em relação à postura grega diz respeito ao caminho de acesso ao prazer. O sofrimento e as paixões são elementos presentes e devem ser vividos para via de acesso a purificação da existência. Existe uma íntima relação entre a dimensão trágica e o viver. Cuidar de si, em tal contexto, possibilita ao indivíduo ser dono da própria existência, tornam-se, consequentemente, mais livre. Tal liberdade, por sua vez, não é vivida sem o contato com os outros, mas está ligada a presença coletiva. Deste ponto, encontramos o valor do ato filosófico entendido como própria experiência de amizade ao saber e aos homens. Em síntese:

> [...] as práticas de existência eram práticas voluntárias através das quais os homens transformavam a própria vida em uma verdadeira obra estética única e não a pautavam na repetição de um outro modelo, fazendo isso pela aplicação de regras de conduta que valessem para todos (SILVA, **Autonomia e Formação Human***a*, p.44).

O que vislumbramos no contexto atual, porém, é outra postura do eu, que segundo Mansano, está baseada em um discurso em que

> [...] é possível **manter a dimensão trágica da existência** (ou seja, o fato de que a vida mantém-se permanentemente vizinha do imprevisível, da dor e da finitude) **o mais distante possível**, ampliando assim as expectativas por um

> controle capaz de prolongar a existência e a juventude por meio dos cuidados com a saúde (MANSANO, 2009, **Sorria, Você Está Sendo Controlado**, p.97).

A manutenção de tal premissa é realizada pela repetição de um modelo vinculado à prática de consumo. Ser diferente, nesse caso, é inserir-se no imperativo que implica construir uma postura individual, única. Ou seja, deixa de ser uma postura livre para estar inserida em uma prática de combate: ser uniforme é ser diferente e na sociedade de consumidores, há produtos variados que atendem a tal especificidade.

Pelo fato da vida real não se enquadrar nos modelos e categorias pré-estabelecidas, viver em um espaço virtual seguro é uma alternativa bastante atraente. A tragédia existencial que implica aprender novas formas de ser é substituída pela necessidade de ser, que por sua vez, define o sujeito pelo poder de compra (de objetos, de pessoas, de papéis sociais) que ele possui. A dimensão trágica aparece no fracasso em consumir novos e atraentes objetos. A tragédia é ser excluído da capacidade de consumir. Desse ponto, construímos estratégias de cuidado que apontam para a liberdade, mas sob um ângulo diferente do indicado pela experiência grega. Trata-se de uma liberdade de escolha, movida pela necessidade de consumo que forma por sua vez, um individualismo radical. Segundo Bauman

> A sociedade de consumo tende a romper os grupos ou torná-los eminentemente frágeis e fissíparos, favorecendo a rápida formação e difusão de enxames. O consumo é uma atividade um tanto solitária (talvez até o arquétipo da solidão), mesmo quando, por acaso, é realizado na companhia de alguém. Da atividade de consumo não emergem vínculos duradouros. Os vínculos que conseguem se estabelecer no ato do consumo podem ou não sobreviver ao ato [...]. (BAUMAN, **Vida para consumo**, p.101).

O que parece estar em jogo nesse momento são as possíveis conseqüências futuras de tal empreendimento. Mas, aparentemente, o que se mostra ao horizonte indica um isolamento cada vez maior, o que, por sua vez, aponta, na mesma proporção, para uma maior cristalização do individualismo.

Fica a necessidade de refletirmos nossa condição presente de forma a buscar diferentes maneiras de conduzir a própria vida verdadeiramente e não mais para sermos marionetes de uma superestrutura invisível que parece controlar todos os aspectos da

vida. Aponta-se, portanto para a necessidade de construirmos novas estratégias de cuidado de si que garantam o risco da vida e a coragem para enfrentar tais fragilidades que são próprias do sujeito humano. Essa será nossa forma de resistência.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**: A Transformação das Pessoas em Mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DEJOURS, Christophe**. A Loucura do Trabalho**: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. 5° ed. São Paulo: Córtex-Oboré, 1992.

MANSANO, Sônia Regina Vargas. **Sorria, Você Está Sendo Controlado**: Resistência e Poder na Sociedade de Controle. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

PESSANHA, José Américo Motta. "As delícias do Jardim". In: Adauto Novaes. (Org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.57-84.

SILVA, Rafael Bianchi. "Formação Humana e/ou Formação Profissional: Uma Contribuição da Psicologia do Trabalho". In: **Administração em Diálogo**, v. 12, 2010, p. 102-120.

_____. **Autonomia e Formação Humana**: Trajetos Educativos. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008, 188p.

VIVAR Y SOLER, Rodrigo Diaz de. O Cuidado de Si em Michel Foucault. **Percursos - UDESC**, v. 09, 2008, p. 59-70.